

A MÁSCARA E A SOMBRA: L'ARTE DELLA CORTIGIANA*

Joice Aglae BRONDANI¹

NOTA 1: A dramaturgia aqui apresentada, em português e italiano, é uma das resultantes do pós-doutoramento da autora, a pesquisa se desenvolveu no Brasil, em Terreiros de Umbanda e Candomblé do Brasil (Salvador-BA, Uberlândia-MG, Santa Maria-RS, Londrina-PR, São Paulo-SP) e na Itália, com a colaboração do professor Roberto Tessari, na Università di Torino. A pesquisa, subvencionada pela CAPES: Proc. Nº BEX6818/14-5, teve como estudo principal os caracteres das máscaras femininas da commedia dell'arte italiana, focando na máscara da Cortigiana e fazendo conexões através do universo do imaginário com a mitologia e arquétipo da cultura tradicional brasileira da Orixá Iansã/Oyá e das Pombogiras.

NOTA 2: Como o estudo tem dois países de referência, Brasil e Itália, optou-se em manter o texto nos dois idiomas. Nas duas versões houve algumas adaptações de vocabulários, principalmente nas músicas e poesia inicial, por uma necessidade das rimas.

* Apresentação da Leitura Dramática realizada no I Encontro Nacional de Etnocnologia, de 12 a 15 de abril de 2016 - Salvador - Bahia.

¹ Atriz e Diretora teatral. Autora e Organizadora de livros, Autora de artigos, sempre na área de Teatro, pesquisa e Máscara. Fundadora da Cia Buffa de Teatro (1998-... SSA-BRA) e Bottega Buffa CircoVacanti (2010-2014 – TN-ITA). Integrou a Scuola Sperimentale dell'Atore (2008-2009 – PN-ITA) com Claudia Contin, Veronica Risatti e Ferruccio Merisi.



Foto de Lineu G. Guaraldo

NOTA 3: O texto possui, ainda, uma terceira versão, trabalhada em uma mistura de português e italiano. Nesta terceira versão a pesquisadora trabalha com a intenção de alcançar uma possibilidade de comunicação, do que se pode imaginar, dos *comicos dell'arte*, onde o mais importante é a mensa-

gem e não a tradução literal das palavras e frases, fazendo uso de português, italiano, termos dialetais e regionais. Sabendo que as Cortigiane possuíam um alto nível de cultura, pode-se pensar que estas falariam em uma linguagem rebuscada e erudita, porém, era um hábito dos *comicos dell'arte* e, então, também das Cortigiane que acompanhavam tais companhias, ter como objetivo da cena a comunicação com o público, com isso, o texto rebuscado ganhava toques dialetais e até de outros idiomas. Essa terceira versão é a que a autora utiliza nas suas apresentações da leitura dramática ou espetáculo.

NOTA 4: A Cortigiana é uma máscara feminina da *commedia dell'arte* não muito conhecida. Diz-se “máscara”, mas, tanto quanto as outras máscaras femininas, a Cortigiana não possui a máscara objeto, porém, o corpo deve comportar-se como se a portasse e, na cena, ter a mesma energia e expressividade latente que os corpos que usam a máscara objeto.

NOTA 5: A Cortigiana, é uma máscara que possui traços de serva (Servetta/**Zagna**) e traços de nobre (Nobile/**Innamorata**). **É uma máscara que perambula** livremente entre os dois polos que formam a cena da *commedia dell'arte*: servos (Zanni, Arlecchino, Pulcinella...) e patrões e nobres/**enamorados**. (Dottore, Pantalone, Ennamorati...). Além de poder desenvolver os papéis de cigana, forasteira e conhecedora dos poderes das ervas.

NOTA 6: A Cortigiana Papaietta foi a Máscara Feminina desenvolvida pela pesquisadora, em um primeiro momento na Scuola Sperimentale dell'Attore, com Claudia Contin e Ferruccio Merisi, depois em um percurso pessoal, em espetáculo solo e, também, em espetáculos com Veronica Risatti, outra atriz e aluna de Claudia Contin. No seu livro “Varda che Baucò! Transcursos Fluviais de uma Pesquisatriz: Bufão, Commedia dell'Arte e Manifestações Espetaculares Populares Brasileiras” (2010), a autora conta como se deu tal processo.



Foto de Lineu G. Guaraldo

Personagem: Cortigiana

Cenário: Uma mesa e uma cadeira de madeira. Sobre a mesa, a qual tem uma toalha vermelha e outra branca, estão objetos de “toilette” (batom, perfume, espelho, porta joias...), taças de vinho, uma garrafa ou jarra de vinho, uma jarra de água, um castiçal (de cinco velas brancas ou vermelhas), um leque de bordado branco, um “apaga velas” e outros objetos para se pentear, maquiar-se e alguns envelopes e cartas.

Figurino: vestido vermelho e branco, sapatos, luvas, chapéu – segundo iconografias da commedia dell'arte.

Começa o espetáculo, tudo escuro, somente as luzes das velas que iluminam a mesa e o espaço.

ANUNCIAÇÃO: Sensibilidade arcaica, matéria princípio de todas as mulheres... forte e acolhedor como o mar, o vento, a terra e o fogo. As deusas primitivas nunca foram ou serão totalmente domadas. Por não dominarem tal força, tentam suprimir seus traços em toda e qualquer mulher...

Sons de adjá/ sineta. A Cortigiana entra, se coloca no centro do palco e começa a dançar e cantar.

No encanto da Cortigiana quem não cai quem não cai

Nell'incanto di Cortigiana chi non va chi non va
No encanto da Cortigiana quem não cai quem não cai

Nell'incanto di Cortigiana chi non va chi non va
No encanto da Cortigiana quem não cai quem não cai

Nell'incanto di Cortigiana chi non va chi non va...
va...

(Risada)

(Tira o chapéu da cabeça e coloca a máscara)

Bom dia pra quem é de bom dia, boa noite pra quem é de boa noite. Gentilíssimo público, obrigada por terem vindo, por terem aceitado meu “convite”, mesmo se não me conheceis. Então, me apresento.

Sou aquela que encanta e atravesso a história com a força do búfalo e a leveza da borboleta. Sou mito, sou deusa, sou incorporação, sou imaginação, sou máscara e sou (*girando, tira a máscara e a segura ao seu lado, na altura da cabeça*) ... humana... sou muitas... sou tantas mulheres guerreiras.

(Com a máscara nas mãos, vai em direção a mesa cantando, a coloca sobre/no chapéu)

No encanto da Cortigiana quem não cai quem não cai

Nell'incanto di Cortigiana chi non va chi non va
No encanto da Cortigiana quem não cai quem não cai

Nell'incanto di Cortigiana chi non va chi non va
No encanto da Cortigiana quem não cai quem não cai

Nell'incanto di Cortigiana chi non va chi non va...
va...

(De costas para o público, coloca o chapéu com a máscara na cabeça – a máscara fica virada para o público, enquanto que a atriz permanece de costas para o público)

(mimo)

Sou a brisa em tua face, mas posso ser a tempestade sem nenhuma piedade

Sou um grito no céu, sou Oyá Gerê, sou o sabor do dendê

Sou aquela que ferve, *freve* ebulição em você
Pego fogo se as coisas não estão do meu querer
Faço guerra como uma rainha, sou Iansã Ygbale
Sou a estrela da coroa de Xangô, sou Iansã Ya-
tope

Sou aquela com água, fogo e vento, Sou Oyá Onirã

Sou Iansã Akaran, sou filha de Nanã
Sou aquela que ganhou o encantamento de Exú
Sou aquela sem medo que olhou nos olhos de Omolú

Egugun é por mim honrado e é meu filho mais amado

Sou aquela que com Odé aprendeu a caçar
Com Ogum com a espada guerrear
Com Oxum misturei em meu vento a prosperidade

Com Oxalá, as honrarias à ancestralidade
Conheço as plantas de Ossaña e os peixes de LogunEdé

Presto homenagem a Iemanjá Ogunté e também a Oxumaré

Me chamam de Exú Mulher, Pombogira, Cigana e Padilha

Da morte não tenho medo nem mesmo em guerrilha

No cemitério ou na encruzilhada posso morar
E nessas muitas estradas a vida faço girar
Sou aquela que comanda os ventos
E todas as forças dos elementos

Como o vento, vou além da história que nos é vizinha

Foram muitas as mulheres a quem disse “És minha filha, és Rainha”

Em imagem e ação sou Iansã, Padilha, Pombogira, Cortigiana e Colombina

Mas também Dandara, Teresa, Maria da Penha, Papaietta, Sinha e Rufina

Não tem nenhuma das minhas filhas que não tem uma história de força e coragens

E conto hoje um pouco sobre essas personagens
(Tira o chapéu com a máscara, o colocando ao lado, na mesma altura do rosto e a olha)

Que eram um pouco Iansã, um pouco Oyá, tinham todas fortes personalidades

(Colocando o chapéu com a máscara sobre a mesa)

Certamente muito emancipadas para as suas sociedades

Foram acusadas de prostituição, heresia e banidas do coração de suas cidades

Mas com coragem, elegância, cultura e muitas qualidades

Se transformaram em lendas da história do teatro

Epahey Oyà – Ecco, eis o fato!

Uma vez que as mulheres subiram ao palco

Ocuparam da cena o papel principal

Sim, o fato foi fatal!

Zagne, Servette, Nobili e Cortigiane

Mulheres de teatro que por muitos foram desprezadas

E desta mesma sociedade partiram emancipadas

E conquistaram para a mulher um papel social

Algumas dessas atrizes se tornaram imortal

Zagne, Servette, Nobili e Cortigiane

Esta é a história do teatro por mulheres feito

Mulheres sem nenhum preconceito

Que merecem todo nosso respeito

Por tudo que foi feito e sem nenhum despeito



Foto de Lineu G. Guaraldo

Mesmo se no início aceitaram de “borboletas”² serem chamadas

Da sociedade subiram as escadas e foram reconhecidas intelectualizadas

E se hoje temos da sociedade conquistado alguma estima

É porque elas se anteciparam como obra-prima

Com coragem, cultura, graça e muita rima

Ah as mulheres, mulheres, mulheres... Zagne, Servette, Nobili e Cortigiane

Tudo começou com a *commedia dell'arte*, uma tradição errante que girou pelo mundo é obscura nas lendas que se criaram e nos mitos que se fixaram em torno à máscara e à figura feminina. Com a pura crença em um teatro que esconde e supera os próprios limites, livre e preso à Máscara.

Ah as mulheres, mulheres, mulheres... Zagne, Servette, Nobili e Cortigiane

Não somente a Máscara era considerada mítica, mas também as mulheres deste teatro. As mulheres eram as feiticeiras, as bruxas da cena, lançando magia e ritual no teatro, utilizando de sua beleza, mas, principalmente da imaginação do público. A história das atrizes da *commedia dell'arte* se entrançam e se sobrepõem à própria história da *commedia*.

Ah as mulheres, mulheres, mulheres... Zagna, Servetta, Nobile e Cortigiana

No palco despertavam a loucura e a fúria cristã, mas para o público, estas mulheres eram a alegria com sabor de papaia, eram a inspiração, a leveza em meio à dura vida, alguma coisa de belo e forte ao mesmo tempo. Como o vento que invade sem medo, as mulheres eram humanas que incorporavam o mito de Lilith, de Iansã, de Padilha e tomavam para si o centro da cena.

Cada uma dessas mulheres era chamada: Obscena!

Ah as mulheres, mulheres, mulheres... Zagna,

² Segundo Dario Fo, na Roma antiga, as Cortigiane, fazendo referência à vagina, eram chamadas de “farfalla”, que é borboleta em italiano. Era uma metáfora para se referir às mulheres que voavam livre e pousavam sua borboleta onde queriam e desejavam.

Servetta, Nobile e Cortigiana Papaietta

Obscena na cena no sentido mais alto e nobre da obscenidade

Sou aquela que encanta, que canta e baila no céu da cidade

Ao sabor do vento levo a vida a cavalgar além da mortalidade

São tantos os nomes com que essa força é chamada

Mas é sempre ela, em ciclo profana e sagrada
Na estrada, ritual ou palco vem se fazer honrada.

(*canto*)

Sou Servetta, sou Papaietta, sou Cortigiana, sou Exú mulher

Oh Mojubá Macumba, sou rainha do Cabaré
Oh Saravá Calunga, sou rainha do Cabaré!

Sou a Cortigiana Papaietta e estou aqui para fala um pouco de nós, o que fizemos, o que fazemos e como somos...

Eu, por exemplo sou 50% de Friuli, a região italiana das bruxas, sou 25% de Venezia, a terra das principais Cortigiane e os outros 25% sou feita do Axé da Bahia...

Bem, é assim que eu creio que seja e se está na minha imaginação está no mundo do imaginário e se está no imaginário, então, é real! - hahahahaha

Aos meus convidados: Papaia. Papaia. Papaia. Olha a Papaia. Olhem a Papaietta!!!!

(*Oferecendo ao público uma bandeja com pedaços de papaia*)

Aprendi a receber convidados com minha amiga Vettoria *cantainbanco* di Firenze. Ela foi uma importante atriz da companhia do Orvietano. Em 1616 ela era tão famosa que tinha até escolta policial para acompanhá-la da casa à praça, da praça à casa, da casa à praça, da praça à casa...

Mas talvez vos não sois conscientes que “atriz” foi a primeira livre profissão reconhecida para as mulheres – ãhan.

Bem, eu lhes falarei um pouco sobre as mulheres da *commedia dell'arte*, *comiche* e *ciarlatanese* e da sombra que esconde esta rica, ingrata, dolorosa e... maravilhosa profissão.

Naqueles tempos havia somente dois lugares para as mulheres, e não eram considerados profissões, e em tantos países, ainda hoje, dona de casa



Foto de Lineu G. Guaraldo

ou prostituta não são consideradas profissões...

As atrizes não eram nada parecidas com as donas de casa, no modo de levar a vida. Então, a sociedade as colocou na mesma categoria contrária a esta, isto é, na categoria das prostitutas. Mães ou prostitutas - devo explicar que as freiras estavam fora do jogo...

Sim – as primeiras atrizes eram consideradas prostitutas.

Parece que desde 1400 os *ciarlatani* davam espaço em seus palcos para as mulheres e, certamente, foi esse o início da trajetória que levou as mulheres ao espetáculo e, então, a ter uma profissão livre e reconhecida, pela primeira vez na história europeia.

Mas vamos com tranquilidade, a passos de Nobile.

Como donas de casa, permaneciam sob as garras da sociedade patriarcal. Como *putane*, tinham a liberdade que queriam... Mas era uma profissão ingrata e nem mesmo reconhecida como tal: penssem que todo tipo de gente ia ter com estas jovens e, depois, estes mesmo homens, em sociedade, as

condenavam... então era isso: depois de irem ao prostíbulo e fazer todo tipo de perversidade com estas mulheres, iam à Igreja e culto orar... bem... não é que isso mudou muito...

(canzoncina)

Tutti buona gente! Tutti buona gente!
Se é cidadão de bem... que mal tem?
Se é cidadão de bem... que mal tem?

Difícil andar avante desse modo... Mas devagar, devagar... devagar, devagar, devagar, devagarinho” *(in ritmo do samba de Martinho da Vila)* encontramos uma saída sublime.

Descobrimos o palco cênico e, a partir daquele momento, uma porta se abriu - Mas não foi tudo de uma vez.

Primeiro abrimos uma fresta. Em 1545, quando foi fundada a primeira companhia *dell'arte*, eram somente homens no contrato, mas nós já estávamos nas coxias. Éramos nós que cuidávamos do entorno do espetáculo.

Então, andar com as companhias era um bom negócio para ambas as partes. Se de um lado as mulheres tinham a liberdade que a sociedade não as permitia, do outro as companhias tinham mão de obra barata e que chamava público. Mas, oficialmente, nossa aparição na cena foi em 1565.

Mas façamos este exercício de raciocínio: o teatro era feito por homens desde os gregos... e só em 1545 é que conseguiram se organizar como companhia - Mas que tragédia?! E 20 anos depois nós estávamos na cena... ocupando papéis importantíssimos.

De qualquer modo, o caminho foi duro. Primeiro, pelo simples fato de viajar com as companhias éramos consideradas todas *putanesche*. Porque para a sociedade da época não era possível uma senhora digna andar as voltas com os atores... até por que, não é que os atores tinham uma reputação melhor que a nossa... mas eram admirados exatamente por aquela reputação!

Eram *[fazendo a máscara do Capitano e falando com sotaque espanhol]* “*el macho conquistador*”. Pensando e comparando: para os homens, ser ator tinha um fascínio da liberdade sexual... tinha uma aura de Casanova, Sade o Don Giovanni; a mesma profissão, mas para uma mulher, tinha uma aura de... de... de... *putana* - dura essa vida de mulher e atriz!?

Sabeis que, para a igreja era um sacrilégio as mulheres estarem no palco? Sim, a igreja entendeu logo que era um passo muito importante para uma reviravolta social da figura feminina... e por isso as condenava, seja as mulheres, seja as companhias que as protegiam.

Sim, não é que digo “*ne importe quoi*” *(falando em francês)*... estou apoiada em documentos.

(Vai buscar uma carta sobre a mesa)

Essa carta, por exemplo, é do padre Francesco Maria del Monaco. Aqui ele chama a atenção sobre o “grande perigo que são as comédias e as mulheres”. Lhes leio... aqui ele diz que “bastava observar os espectadores, a atenção com que olham e examinam as palavras, os gestos e suspiros dos atores e, principalmente, das atrizes que se compreenderia quantas más ações estas companhias que chegam nas cidades cometem”.

E acrescenta que “para ver estas companhias os interesses familiares são transcurados. Os pais abandonam seus trabalhos cotidianos, os servos vão sem pensar e as mães deixam o coração de suas casas e, não contentes, ainda levam com elas suas filhas jovens, para que aprendam com os espetáculos e a chama da libido as consuma mais velozmente”

Mmmmm! Isso foi em Roma, em 1621... Bem, devo cumprimentar este homem tão gentil, sim, porque tinha uma imaginação muito fértil. Eu já imagino as atrizes colocando fogo em Roma – igual a Nero. E imagino as espectadoras sendo envolvidas nesta fogueira romana do inferno...todas dançando quadrilha – Olha a cobra! ... É mentira!

Pensem que para estes senhores a nossa aparição no espetáculo era *(fazendo a máscara do Dottore)* “uma inominável causa de um obsceno inversamento da ordem social” porque *(fazendo a máscara de Pantalone)* “as companhias fazem cenas obscenas e colocam em risco a organização familiar, porque no canovaccio o marido é quase sempre traído ou as juvenzinhas fazem aquilo que querem e pecam contra a castidade feminina e o pior de tudo, com quem lhe agrada, ao invés de seguir os conselhos do pai que quer esposá-la com um rico e maduro Pantalone” – para saldar um débito certamente.

Interessante, também, é a opinião do senhor Pedro Hurtado de Mendonza. O senhor Frutado, nesta carta de 1631, escreve que “As mulheres





Foto de Lineu G. Guaraldo

quase sempre são meretrizes que fazem o ofício a pagamento”. Vamos entender, na sua lógica funciona assim: as meretrizes se fazem pagar para se mostrarem; as atrizes também se fazem pagar para se mostrarem – então, meretrizes e atrizes... é tudo a mesma coisa.

O senhor Surtado tinha uma lógica bem especial, não?! Talvez ele quisesse que fizéssemos o nosso trabalho sem sermos pagas. Queria a nossa caridade... ou das meretrizes?! Mas os homens também se faziam pagar para serem vistos, mas deles nada era dito...

É isso me informa porque as mulheres em seus trabalhos, em muitos casos, são menos pagadas que os homens... A sociedade quer, ainda, a nossa caridade!

(Canzoncina nel ritmo di “Alleluia”)

Caridade, caridade

Trabalhar

Sem ganhar

É o que querem nos dar

Mas esperem que ainda tem mais...

Ele diz ainda que, para as mulheres atrizes

“deve ser acrescentado um perigo ainda maior, quase sempre são extraordinariamente belas, elegantes no comportamento, hábeis com as palavras, danças, cantos e expert na arte de recitar ao improviso... e tudo isso arrasta o público à libido” – Mas que boa pessoa o senhor Surtado... sinceramente, fora da razão!

Este é um outro documento. É do senhor Giovanni Domenico Ottonelli, ele era sacerdote da Compagnia di Gesù e em 1646 escreveu “A perigosa conversa com as mulheres, ou pouco modestas, ou retiradas, ou cantoras, ou acadêmicas”, e depois escreveu “A Moderação Cristã do Teatro”, que são cinco livros, ou melhor, cinco tratados.

Bem, com este senhor, desde o início, não temos saída, podemos ser pouco modestas, retiradas, cantoras ou acadêmicas... somos sempre perigosas!

Ah, em um destes tratados ele afirma que as atrizes são muito piores que as meretrizes. Porque as meretrizes são um mal benévolo à sociedade, uma vez que *[fazendo a máscara do Dottore]* “*ad evitandum maius malum*” (como Servetta, para um espectador, muito orgulhosa) - É latim, quer dizer “evitam um



Foto de Lineu G. Guaraldo

mal pior”! (*retornando ao seu discurso*) E ele justifica: “quando um vai ao prostíbulo procurar uma meretriz, está evitando o pecado do adultério, do incesto e outros pecados hediondos.”

Dá para entender o conceito de pessoa desse senhor aqui?...

Diz ainda “Se fossem tiradas as meretrizes do mundo, o mundo seria um lugar muito pior, mas as comédias, as comédias são obscenas, são ócio que fazem cometer pecados mortais e graves, porque, em cena, as atrizes falam palavras tão doces, recitam de um modo afetuoso e ardente que ascenderiam um coração no meio do gelo. E pior ainda, as mulheres na cena não fazem outra coisa além de colocar nos corações das juvenzinhas a vontade de fazer valer as suas próprias vontades” – e este é o ponto!

E continua a sua rica visão “uma mulher deve labutar no trabalho da casa, da agulha, da vassoura, do berço e ganhar a vida através desses serviços” – ele quer dizer que a dona de casa deve pagar seu alojamento com trabalhos domésticos... mas que visionário?!

E nos acusa “as atrizes fazem as jovens pensa-

rem que podem ganhar a vida com o suor do palco, que podem ser cortejadas pelo seu público e até homenageadas”.

Sim, o medo maior era que as mulheres fossem donas de suas próprias vontades e corpo, e ainda pior era a possibilidade que estas atrizes se tornassem tão importantes a ponto de serem homenageadas com monumentos, estradas, museus, bibliotecas... uma imortalidade destinada somente aos homens... até a *commedia dell'arte*.

Mas quando, em 1578, as mulheres foram acusadas de heresia e durante a Inquisição, atores e atrizes foram [*fazendo a máscara do Dottore*] “*ipso facto excommunicetur*” (*como Servetta, vai até alguém do público e fala orgulhosa*) - É latin... quer dizer que fomos excomungados - (*retomando seu discurso*) foi difícil, porque, mesmo se não éramos consideradas cristãs e por isso não podiam nos submeter ao Santo Ofício Inquisitorial... mesmo assim, continuavam a perseguição por heresia, por ser atriz, *comica* - mulher de espetáculo de *commedia dell'arte*!

Uma outra coisa que incomodava muito, era a nossa cultura. Naquela época, o dom do “pensar” não era concebível e nem mesmo aceitável para

uma mulher – Mulheres que pensam... mas que ideia hãh!!!!

E não toleravam as relações de amizades com os intelectuais. Amizades como de Vitoria Colona e Michelangelo, ou Isabella Andreini e Torquato Taso – eram escandalosas!

E de escândalo em escândalo... fizemos nosso percurso.

Nos aproximamos do espetáculo e permanecemos nas coxias por alguns anos. Depois subimos no palco e ganhamos o título de “prostituta”, por causa da nossa cultura passamos ao título de Cortigiana e assim, uma vez reconhecidas como Cortigiane, foi comprovada, também, a nossa intelectualidade.

É que, naquela época, a única liberdade possível para uma mulher era ser Cortesã, que não quer dizer ser prostituta, mas quer dizer ser intelectual. Explico: as Cortigiane são um pouco como as gueixas japonesas, mulheres a quem è reconhecido um alto nível de cultura, com grandes habilidades em vários ramos artísticos: dança, canto, tocar instrumentos, literatura e poesia improvisada... e compartilhávamos nossas agradáveis e alegres companhias com os intelectuais ou com o público e, por isso, também nos chamadas de Damas de Companhia...

Mulher, intelectual, feliz, atriz, comica dell’arte, sensual nas danças e cantos -conheço bem esse fascínio de encanto e pavor...

Maria Padilha, Rainha da Encruzilhada
 Uma rosa perfumada,
 Em teu feitiço tenho fé
 Bela Pombogira, mulher guerreira e forte
 Tua espada é de corte
 Rainha do Cabaré
 Pombogira é mulher muito faceira
 Te chamam de feiticeira
 Tua risada tem Axé.

Era e é demais para uma sociedade falsa moralista...

Por exemplo, no primeiro contrato que aparece uma mulher, foi a atriz Lucrezia Senese, ou seja, Lucrezia di Siena. Bem... uma mulher ser conhecida pelo nome e referência do lugar que nasceu ou é ligada, era um hábito das Cortigiane ilustres.

Ou a Vitoria Colona, aquela, amiga de Michelangelo, em certo ponto não se diz mais que Vitoria é uma Cortigiana, somente que é uma grande escritora, poetisa e atriz.

E assim foi com tantas outras atrizes. As mulheres que queriam estudar, ser intelectual, deviam ser Cortigiane. E para ser atriz era necessário a cultura de uma Cortigiana, então, é certo que as primeiras atrizes eram Cortigiane – no sentido mais nobre do termo.

Sim, as Cortigiane se faziam cortejar pelos senhores ricos e nobres, Dottori e Pantaloni reais, e aceitavam os presentes e vantagens, ou para si mesmas ou para suas companhias... e esta foi a maneira encontrada para usurpar a sociedade opressora.

A falsa moralidade ainda oprime muitas mulheres... Mas isso, felizmente, não foi com todas. Não foi com a filósofa, arquiteta, matemática e conhecedora das artes, Ipazia di Alexandria, que mesmo perseguida continuou a ensinar filosofia, em 415 foi assassinada por um grupo de homens de bem, mas deixou seu legado. Não foi com Maria da Penha que, persistente, lutou 10 anos pela condenação de seu ex-marido e agressor e pela lei. Não foi com Maria Filipo, Dandara, Chica da Silva e não foi com muitas outras Marias. Não foi com Colombina, Franceschina, Ricciolina, Rosetta, Corallina, Spinetta e Papaietta!!!

Na verdade, somos todas *commediante*, *buffonessa* e *ciarlatanessa* da história da humanidade. Ah as mulheres... tão belas quanto difíceis e perigosas - dito por Perrucci em 1699, e vivemos esta tempestade desde a nossa primeira aparição. Lilith... expulsa. Eva... expulsa. Então criaram uma historinha, na qual Maria, a Virgem, seria o modelo a seguir. Mas depois apareceu Maria, a Madalena e tudo ficou mais complexo... e quando pensei que éramos quatro, a Santíssima virou Trindade... nos expulsaram até do núcleo da historinha nos colocando à margem até nos dias de hoje.

Mas importante é manter a coragem, é correr com os lobos, relâmpagos e ventos e ir avante, mesmo com tempestade, fazendo dela nossa aliada!

(cantar com a máscara da Nobile e canto lírico)

Quem conhece vai confirmar
 Que filha de Oyá
 Quando luta é pra ganhar

Rainha de Egun e nos palcos da vida
Estrela a brilhar
Dona da cena
Com a força do vento e a beleza
Da borboleta
É livre pra voar
Um raio corta o céu é Oyá
Paixão
Na vida a bailar

(Com a máscara da Cortigiana)

Gosto mais assim... *(fazendo sinal para o público seguir com palmas em ritmo de samba de roda e cantando com a máscara da Cortigiana)*

Quem conhece vai confirmar
Que filha de Oyá
Quando luta é pra ganhar
Rainha de Egun e nos palcos da vida
Estrela a brilhar
Dona da cena
Com a força do vento e a beleza
Da borboleta
É livre pra voar
Um raio corta o céu é Oyá
Paixão
Na vida a bailar

(Convida o público para ele continuar a bater palmas no ritmo, ela gira e as luzes se apagam)

